

EDUCANDO PARA SALVAR A ALMA: o exemplo do cavaleiro Tungullo

Adriana Zierer¹

Resumo

A viagem imaginária do cavaleiro Tungullo ou Túndalo, traduzida para o português em fins do século XIV e início do XV teve por um dos seus objetivos centrais a educação de clérigos e leigos, visando estimular corretas ações comportamentais cristãs para as pessoas atingirem a salvação no Além. O relato circulou no reino luso num momento de medo da morte, devido à Peste Negra, com manifestações culturais na Europa, como a Dança Macabra. Ao mesmo tempo, o período se caracteriza pelo estabelecimento da Dinastia de Avis no poder e pelo início das Grandes Navegações. Traduzida por monges do mosteiro de Alcobaça, há em Portugal duas versões do manuscrito (códices 244 e 266) que mostram a passagem do protagonista por espaços infernais e paradíacos e depois a sua mudança comportamental após o retorno da experiência no Além-túmulo.

Palavras-chave: cavaleiro Tungullo, Além-medieval, salvação, educação

The imaginary journey of Tungullo or the knight Túndalo, translated into Portuguese in the end of the XIV th century and beginning of the XV th century had as one of its main objectives the education of clergy and laity, to stimulate correct Christian behavioral actions for people to reach salvation in the afterlife. The story circulated in the Portuguese kingdom in a moment of fear of death because of the Black Death, with cultural events in Europe, such as Danse Macabre. At the same time, the period is characterized by the establishment of Avis Dynasty in power and the beginning of the Great Navigations. Translated by Alcobaça monastery monks, there is in Portugal two versions of the manuscript (codices 244 and 266) that show the passage of the protagonist by hellish and paradisiacal spaces and then his behavior change after the return of the experience beyond the tomb.

Keywords: Tungullo knight, afterlife, salvation, education

Recebido em 10/12/2014 Aceito em 03/03/2015

¹ Doutora em História Medieval. Docente da Graduação e do Mestrado em História, Ensino e Narrativas da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Docente colaboradora do Mestrado em História Social da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). É uma das coordenadoras dos laboratórios de pesquisa **Brathair – Grupo de Estudos Celtas e Germânicos** e **Mnemosyne – Laboratório de História Antiga e Medieval** e uma das diretoras da **Mirabilia** – Revista Eletrônica de Antiguidade e Idade Média. Estágio Pós-Doutoral na École des Hautes Études en Sciences Sociales (2013-2014), com o projeto “Imagens e Salvação numa Viagem Imaginária Medieval: o percurso do cavaleiro Túndalo”, junto ao **Groupe d’Anthropologie Historique de l’Occident Medieval** (GAHOM), com apoio da CAPES.

Introdução

Desde os estudos do grupo conhecido como *Escola dos Annales*, fundado por Marc Bloch e Lucien Febvre uma verdadeira “revolução historiográfica” ocorreu no ofício dos produtores da História, através de vários olhares lançados à documentação, inclusive elegendo novos documentos como fonte para o historiador, ampliando o seu olhar (BURKE, 1992). Também importante é a relação desta disciplina com outras ciências sociais, estimulando a interdisciplinaridade e a busca em problematizar os documentos, buscando questionar o passado para entender o presente (BLOCH, 2001).

Com relação ao estudo do período medieval, é importante ponderar sobre aquele período histórico através de seus resquícios e sobrevivências nos dias atuais, como é o caso, por exemplo, da religiosidade cristã. Os documentos, vistos de forma problematizadora, são essenciais para compreendermos as imagens visuais e mentais daquela época e os valores que a sociedade medieval construiu de si própria e que nos levam a refletir sobre o nosso próprio momento histórico.

O objetivo deste artigo é analisar uma viagem imaginária medieval, gênero narrativo muito popular no período medieval, com apogeu da sua produção no século XII (DELUMEAU, 2003, p. 80)². A narrativa abordada é a *Visio Tnugdali* ou *Visão do Cavaleiro Tungullo* (*Estoria dhuun caualeyro a que chamauan Tungulu*), mais conhecida em português como *Visão de Túndalo*, que foi produzida originalmente por um monge de origem irlandesa. Ao estudar este documento devemos nos perguntar: quem o produziu, quando, para quem, por quê?

De acordo com Le Goff, os relatos de viagens ao Além fazem parte de uma tradição vinda desde a Antiguidade, com os relatos dos percursos greco-romanos ao Hades (de Ulisses, Enéas, Orfeu, entre outros), as narrativas orientais, como a *Epopeia de Gilgamesh*, os apocalipses apócrifos judaico-cristãos (de Esdras, Pedro, Paulo, entre outros) e as narrativas irlandesas de viagens marítimas ao Outro Mundo (LE GOFF, 1994, p. 132-133). No caso dos relatos medievais, muitas vezes foram contados por leigos e readaptados por clérigos, especialmente os monges, que lhes incutiram vários traços cristãos e os escreviam em latim.

O que ocorreria com o ser humano com o fim da sua existência na terra? Diversas culturas ao longo do tempo buscaram responder esta pergunta. O medieval, de acordo com o

² Sobre outras visões deste período, ver: Carozzi (1994), Le Goff (1993), Baschet (1991). Ver também o artigo de Zierer (2013b).

olhar clerical, se via como um *homo viator*, com passagem efêmera por este mundo, importando mais a ele o seu destino na vida eterna (LE GOFF, 1989, p. 13). Este artigo se volta para a História do Imaginário, que consiste numa realidade coletiva “através de narrativas míticas, ficções, imagens, compartilhadas pelos atores sociais. Toda sociedade, todo grupo produz um imaginário, sonhos coletivos garantidores de sua coesão e de sua identidade” (SCHMITT, 2007, p. 351).

Até o século XV, o Além medieval vai ser composto por cinco lugares, pois além dos três mais conhecidos (Paraíso, Inferno e Purgatório), havia ainda o limbo dos patriarcas e o limbo das crianças que morreram antes do batismo (LE GOFF, 1989, p. 26). Está presente neste período a preocupação com os lugares do Além-túmulo e as ações que deveriam ser feitas para que se atingisse os bons lugares no Além. Daí a necessidade da construção de uma memória cristã, relacionada aos comportamentos ideais para se atingir os lugares bons na outra vida.

A memória pode ser entendida como um conjunto de funções psíquicas graças às quais o indivíduo pode atualizar impressões ou informações passadas que são relidas por ele (LE GOFF, 1989a, p. 11). Ao longo do período medieval e moderno foi construída uma memória do que seria um bom cristão em várias esferas. Na *Visio Tnugdali* aqueles que não seguiram modelos corretos de comportamento são castigados, indo, por exemplo, ao Purgatório e Inferno, ou sofrendo punições nesses lugares devido a um mau comportamento aqui na terra.

Visão do Cavaleiro de Tungullo e sua importância

Este relato, produzido no século XII pelo monge Marcus, de quem se tem poucas informações³, conheceu enorme sucesso, com a produção de muitos manuscritos em latim⁴, sendo depois traduzido em vários idiomas vernáculos entre os séculos XII ao XVI. Foi vertido para várias línguas quarenta e três vezes em quinze idiomas, o que mostra a sua importância no medievo e início da modernidade. Além disso, é conhecido tanto na forma de manuscritos como também possui versões impressas, produzidas principalmente na Alemanha e Holanda.

A narrativa tinha o objetivo de dar exemplo de um comportamento cristão adequado para a obtenção da salvação uma vez que Tungulu/Túndalo⁵ passa por duas fases: a primeira na qual se caracteriza como um pecador que precisa se regenerar⁶, motivo pelo qual, após se sentir mal e não ser enterrado por ainda possuir um pouco de calor em seu corpo, entra num estado de morte aparente, quando é levado por um anjo para conhecer os locais do Além-túmulo. O segundo momento é quando após três dias inconsciente, volta a si e pede para tomar a hóstia. Logo depois entrega os seus bens aos pobres e à Igreja e podemos afirmar que a partir do retorno do Além-túmulo, se transformou num modelo de cristão ideal.

A *Visão de Túndalo*, que influenciou outros relatos visionários, é inspirada por outras narrativas, como os textos apócrifos judaicocristãos e em viagens imaginárias cristianizadas como a *Visio de Drythelm* (século VIII) e a *Navigatio Sancti Brendani Abbatis* (Navegação de São Brandão). Também se inspirou em relatos irlandeses, os *imrama* (viagens marítimas a uma terra de prazeres) e por sua vez influenciou a *Commedia*, de Dante. No entanto, enquanto esta última já é considerada um texto literário ficcional, o percurso de Túndalo, um relato de *visão*, foi considerado verídico quando foi composto. Vejamos a seguir a estrutura dessa narrativa.

³ Tudo o que se sabe sobre ele é que saiu da Irlanda e se estabeleceu num mosteiro do sul da atual Alemanha, na cidade de Regensburg. Sua obra é dedicada a abadessa G. do mosteiro de São Paulo. Marcus era proveniente do mosteiro de São Jacques (PONTFARCY, 2010, p. XXXIX-XL) e favorável às ideias de reforma da Igreja, com maior poder desta instituição, independência frente aos leigos, moralização do clero e aumento do poder do papado, no contexto da chamada Reforma Gregoriana.

⁴ Quase duzentos manuscritos nesta língua estão conservados ainda hoje, e mais muitos outros em idiomas vernáculos. Sobre isso, ver PALMER, 1982, p. 1.

⁵ No códice 244, por exemplo, encontramos a grafia Tungulu e Tungulo para se referir ao protagonista: “começa-se a história de um cavaleiro a que chamavam **Tungulu**” (VT, 1895, p. 101) e na mesma página outra grafia para o nome: “Numa província chamada Hibernia (Irlanda) existiu um cavaleiro a que chamavam **Tungulo**” (VT, 1895, p. 101) (grifos nossos). Quanto ao códice 266, a narrativa se inicia assim: “Aqui fala do cavaleiro **Tungullo**.” (VT, 1982-83, p. 38) (grifo nosso).

⁶ “Este **tal e tan pecador quis deus por exemplo** de nos todos. que **uisse** muytas cousas e as **sofresse** e que as **contasse** a nos per que **tomassemos exemplo pera nos castigarmos de mal fazer**” (VT, 1895, p. 101) (grifos nossos).

Estrutura da Narrativa e Contexto Histórico em Portugal

O manuscrito produzido por Marcus em cerca de meados de 1200 divide os espaços Infernais em Superior e Inferior. A diferença entre esses dois locais é que os que vão para o Inferno Superior sofrem, mas ainda têm a chance de se salvar⁷, enquanto os habitantes do Inferno mais profundo já estão condenados por toda a eternidade.

No século XV, várias versões do texto separam esses dois lugares, com o título de Purgatório (para os que ainda vão se salvar) e Inferno propriamente dito⁸. Das versões analisadas neste texto, o mais detalhado é o códice 244, produzido em Portugal no Mosteiro de Alcobaça e que menciona o espaço do Purgatório.

Os cistercienses em Portugal tiveram grande importância na tradução e elaboração de uma grande quantidade de obras literárias no Mosteiro de Alcobaça, com quinhentos códices produzidos entre os séculos XIII e XV (SARAIVA, 1988, p. 107). Além de elaborar manuscritos latinos, que deveriam ser lidos pelos monges, também traduziram várias obras do latim ao português. Esses textos tiveram circulação através da oralidade, como é o caso da *Visão de Túndalo*, que foi transmitida aos leigos.

A narrativa foi transcrita por monges de Alcobaça, frei Zacarias de Payopelle (códice 244) e frei Hilário de Lourinha (códice 266). Não temos informações sobre esses religiosos, nem sabemos se eles se conheciam, e o relato de Túndalo se encontra em códices que contêm, além dessa *Visio*, outros textos de caráter hagiográfico e meditativo. A história foi publicada três vezes em Portugal, num periódico chamado *Revista Lusitana*, dedicado a trabalhos filológicos. Em 1895 foi realizada a edição do códice 244, por Francisco M. Esteves Pereira, única versão impressa deste códice. Essa é das versões portuguesas a mais completa porque apresenta mais detalhes da narrativa, como, por exemplo, a divisão do Paraíso em três muros, além de mencionar o espaço do “Purgatório”.

O códice 266 foi editado duas vezes. A primeira por J. J. Nunes em 1903 e a segunda, na nova série (n.s) da *Revista Lusitana*, publicada no ano de 1985 por Patrícia Villaverde e considerada por um importante filólogo, Ivo Castro, com mais rigor filológico que a edição de 1903. É importante destacar que ambos os códices apresentam um relato mais

⁷ Nas versões portuguesas o anjo afirma que aqueles que estavam ali “esperam salvação” (VT, 1895, p. 109; VT, 1982/83, p. 44), o que mostra que após a purgação dos seus pecados, poderiam atingir o Paraíso.

⁸ Numa das versões portuguesas do texto, o códice 244, por exemplo, fica explicitado que o cavaleiro pecador conheceria os espaços do Purgatório e do Inferno, bem como aparece também um momento de ruptura entre Purgatório e Inferno: “Então começou o anjo a ir adiante e **descer ao Inferno** e viu a alma o Príncipe das Trevas.” (VT, 1895, p. 110) (grifos nossos)

conciso da narrativa, comparados com a versão latina original, motivo pelo qual é interessante o cotejamento com outras edições da narrativa para melhor compreensão do relato. De acordo com a filóloga Mafalda Maria de Oliveira, do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa e responsável pela *homepage Scrinium*, com informações sobre manuscritos portugueses medievais, não se sabe qual relato latino deu origem às versões portuguesas da narrativa.

O período histórico da circulação desta *Visão* em Portugal é marcado pelo estabelecimento no poder da Dinastia de Avis, após a morte do rei D. Fernando (1383), da Dinastia de Borgonha, sem deixar herdeiros masculinos. D. João, filho natural do rei D. Pedro, assumiu o poder com o apoio principalmente de nobres secundogênitos e da população pobre de Lisboa, sendo inicialmente nomeado como regedor e depois eleito rei nas Cortes de Coimbra.

O cronista Fernão Lopes, visando legitimar o fundador da nova dinastia, apresenta o soberano em seu relato como o *Messias* de Lisboa, com analogias a Cristo e elementos dos reis do Antigo Testamento (VENTURA, 1992) o que mostra a importância neste período da religiosidade como forma de afirmação política. Neste momento, marcado pela existência de dois papas, o Cisma do Ocidente, D. João é apresentado por Lopes como o eleito de Deus, por apoiar o papa de Roma, além de ser vencedor em batalhas contra os castelhanos, como a Batalha de Aljubarrota (1385).

O período é marcado pela Peste Negra que dizimou muitos portugueses e outros europeus e de medo da vinda súbita da morte. Por isso, houve nessa época manifestações culturais, como a Dança Macabra, através de ilustrações, esculturas, textos, entre outros materiais, que relatavam a vinda da morte, retratada em forma de esqueleto, que vinha buscar os vivos e realizava, antes de levá-los a “dança da morte”, não importando a camada social do indivíduo (HUIZINGA, 2011, p. 221-245)

Ao mesmo tempo, a época em Portugal é a da Expansão Marítima, quando este reino se tornou pioneiro nas Grandes Navegações através da conquista de Ceuta, na África (1415), ainda durante o reinado de D. João I. Essa e outras conquistas o fizeram a ser bem visto na posteridade, tendo a alcunha de o “Rei da Boa Memória”.

Características do texto e Educação na *Visão de Túndalo*

O personagem central do relato é Tnugdalus (Tungulu ou Túndalo em português) que, em virtude de ser um pecador um dia se sente mal e é quase dado como morto, não sendo enterrado devido a um pouco de calor em seu peito. Durante os três dias em que ficou num estado de quase-morte, um anjo vem buscá-lo para uma jornada no Além-Túmulo.

Qual o objetivo desta jornada? Segundo o relato, composto por um monge, o propósito era que ele “corrigisse e emendasse os seus pecados e suas maldades” (VT, 1895, p. 101), além de que a sua história fosse contada para que outros cristãos, através do seu exemplo também passassem a ter atitudes cristãs corretas, visando a salvação de toda a sociedade.

Neste sentido é que o cavaleiro, pertencente a uma boa linhagem (VT, 1895, p. 101) e, portanto, membro da nobreza, é primeiramente conduzido pelo ser angélico aos espaços infernais e depois conhece os locais paradisíacos, para se arrepender dos seus antigos pecados e conseguir a salvação. Salienta-se também que o fato de pertencer a um alto estrato social poderia fazer com que sua experiência influenciasse outras pessoas, as quais também passariam a ter um comportamento diferenciado ao conhecer o relato sobre Túndalo.

Todo o trajeto da viagem mística se constitui num processo de aprendizado. Por isso aqueles com quem o cavaleiro vai se deparando, principalmente os demônios, no início da narrativa, os quais queriam levar a sua alma ao Inferno, bem como o seu anjo da guarda, condutor do seu processo de salvação, se constituem em verdadeiros professores da “alma”, auxiliares do seu processo educativo, uma vez que mostram a ela os seus erros e levam à posterior reflexão, auxiliando-a numa mudança comportamental.

Os maus atos cometidos por ela estão associados aos sete pecados capitais (avareza, gula, luxúria, orgulho, ira, inveja e preguiça), daí sofrer várias punições durante o seu percurso. Os demônios inicialmente, ao verem a alma fora do corpo criticam as suas más ações: “por que não és agora soberba como eras? Por que não fornicas? Onde está o teu comer e beber, que **davas pouco aos pobres**, onde estão as tuas loucuras que fazias? [...] Tudo já é passado e tu penarás por isto tudo.” (VT, 1982/83, p. 39) (grifo nosso).

Aqui o cavaleiro terá uma primeira oportunidade para refletir sobre as suas faltas, o que será enfatizado ao longo do relato, pelo constante diálogo que tem com o anjo, o qual busca convencê-lo a mudar de comportamento através de argumentos. Outra maneira de

correção é através dos castigos que Túngulo sofre em seu corpo. Das oito punições apresentadas na narrativa, a sua alma sofre cinco, os tormentos destinados aos avaros, ladrões, glutões e fornicadores e luxuriosos (ver Quadro 1).

É importante mencionar que nas versões portuguesas os maus clérigos não são mencionados, mas isso ocorre no texto original de Marcus, do século XII e em várias outras versões.

As palavras que aparecem logo nas primeiras páginas do manuscrito mostram sinteticamente o conteúdo do relato: penas, inferno, demônio, tormentos, trevas, fogo, anjo, luz, Deus, almas, temor, açoites. Esses vocábulos mostram claramente um embate entre os pecados e a salvação. Deste modo, fica bastante clara a oposição entre o bem e o mal, através de vocábulos associados a Deus (anjo, luz) e outros ao Diabo (penas, inferno, fogo, açoites), com o objetivo de doutrinação da sociedade. Além disso, nos castigos sofridos por Túndalo fica muito enfatizado o ato da devoração e os instrumentos de tortura relacionados ao espaço da cozinha.

Observemos a primeira cena de punição citada no códice 244, a pena dos matadores (isto é, os assassinos). Segundo o relato, além de o local ser caracterizado por ser “muito fundo” com uma cobertura de ferro, ali ardiam “carvões acesos” e as “almas mesquinhas [...] queimavam, ferviam como o azeite ferve na *sartã*” (frigideira) (VT, 1895, p. 103).

Em várias outras descrições as almas são comidas por monstros, trituradas, assadas em fornos, coadas, transformadas em massa. Quando Túndalo chega ao fundo do Inferno, encontra Lúcifer, o anjo da luz que se revoltou contra Deus e se tornou o soberano do espaço inferior, o “Príncipe das Trevas” (VT, 1895, p. 110), que torturava também os condenados, apertando-os em suas mãos como se fossem bagos de uvas (VT, 1895, p. 111). Ao chegar naquele lugar, o cavaleiro é ameaçado pelos entes diabólicos que ameaçam entregá-lo para que seja deglutido por Lúcifer: “demo-lá (a alma) a Lúcifer. Que a coma” (VT, 1895, p. 110).

O espaço infernal, portanto, quente e escuro, possui vários traços da cozinha e aspectos devoradores, além de ser mostrado em várias imagens com traços marrons e vermelhos do fogo. Monstros são mencionados bem como as suas bocas, que “comem” as pessoas.

Um exemplo é quando os pecadores são devorados por uma besta pássaro, a qual, segundo o relato “tinha dois pés e duas asas muito grandes e pela sua boca saíam grandes chamas de fogo” (VT, 1895, p. 107-108). Esse animal habitava um lago gelado e engolia os condenados que, no seu interior, engravidam de outros bichos, os quais pariam por todas por todas as partes do corpo (VT, 1895, p. 108). Essas feras os mordiam até os nervos e ossos (VT, 2011). O códice 266 diz que esta é a pena dos soberbos (VT, 1982/83, p. 43). Já segundo o códice 244, ela castiga os que deviam ser melhores que os outros e não são, mas tem as línguas muito agudas para dizer o mal (VT, 1895, p. 108). Mas nas versões latinas e na *Vision de Tindal* (1903, p. 82) essa é a pena dos **luxuriosos** em geral (como Túndalo) e também dos religiosos que pecaram contra a castidade (CAROZZI, 1994, p. 599). (Ver **Quadro 1**)

O fato de o Inferno estar ligado a uma cozinha é mais uma forma de aproximar ao cotidiano dos medievos, de forma que pudessem imaginar/visualizar mais claramente as possíveis punições que sofreriam caso cometessem más ações e com isso realizassem um comportamento correto aos olhos dos clérigos. Outro elemento importante é que este é o primeiro relato no qual o viajante sofre em seu corpo, o que aumentava a identificação daqueles que conheciam a história com o destino do personagem central.

Outro aspecto importante é a recorrência aos cinco órgãos dos sentidos como mais uma forma de presentificar a narrativa de seus leitores e principalmente dos seus ouvintes. Zumthor salienta que a “literatura medieval” convivia com as relações entre o oral e o escrito. A presença, segundo o autor, de várias palavras relacionadas à audição, os chamados índices de oralidade, mostra que esses relatos eram na maior parte das vezes ouvidos ao invés de lidos. A constante presença de sons é um destaque da narrativa, sendo desagradáveis nos lugares de purgação (através de gritos e gemidos dos sofredores) e agradáveis nos locais paradisíacos (principalmente pela musicalidade, através das vozes dos eleitos, do canto dos pássaros e do som dos instrumentos musicais) (ZIERER, 2013, p. 105-142).

A seguir um quadro das punições do cavaleiro (Quadro 1):

QUADRO 1. TORTURAS SOFRIDAS POR TÚNDALO/TONDAL⁹

PECADORES	OBS TÁCULO	PUNIÇÃO
LADRÕES	PONTE COM PREGOS	É obrigado a passar com a vaca que havia roubado numa ponte com pregos, embaixo da qual havia monstros. Do lado oposto, outro pecador carrega um feixe de trigo. Os dois se encontram no meio da ponte e se acusam mutuamente de seus pecados.
AVAROS	BESTA AQUERONTE	Comido pela Besta. No seu interior sofre torturas inflingidas por cahorros, ursos, serpentes e leões. Depois os pecadores colocados no fogo e rio de enxofre.
GLUTÕES E FORNICADORES	CASA DE FRISTIN (FORNO)	T. e almas colocadas num imenso forno, queimados.
LUXURIOSOS (PRINCIPALMENTE ECLESIÁSTICOS) ¹⁰	BESTA PÁSSARO	T. e almas ingeridos por esta Besta. No seu ventre engravidam. Depois são “paridas” num lago gelado e ali dão a luz a serpentes ¹¹ que saem de todas as partes de seus corpos e mordem os pecadores até os ossos.
LUXURIOSOS EM GERAL	FORJA DE VULCANO	T. e almas torturados por demônios, marteladas, cortadas, coadas e transformadas numa massa.

A cada punição sofrida o cavaleiro questiona o anjo o por quê de cada castigo. Ele passa por uma transição, um primeiro momento no qual se revolta contra Deus por este punir os pecadores, até um segundo momento, o do arrependimento. Segundo a fonte, ao se dar conta de sua má conduta anterior, a alma do cavaleiro afirma: “Ai mesquinha eu son. Por que non quige creer as **scripturas sanctas** e os conselhos dos homeens boos. e amey mais os uiços do mundo [?]” (VT, 1895, p. 110).

Importante salientar o papel do livre arbítrio na salvação do indivíduo. O período de composição da narrativa, o século XII, tem como marca o crescimento urbano e o da valorização do indivíduo. A partir desta data, cada ser humano é visto como responsável pela sua salvação. É também o momento de fortalecimento da Igreja Católica como instituição

⁹ Para visualizar outro quadro com todos os castigos passíveis de punição na *Visão de Túndalo*, conferir BASCHET, 1981, 109. Ver também quadro relacionando os castigos com os sete pecados capitais, em ZIERER, 2013, p. 89.

¹⁰ Importante destacar que as versões portuguesas mostram essa punição, mas não dizem que são voltadas aos eclesiásticos, evitando criticar diretamente este grupo. Dizem apenas que essas torturas são para aqueles que podem ser melhores que os outros e não são

¹¹ Graças à interferência do anjo, que o salva, Túndalo não chega a parir as bestas monstruosas.

através do movimento conhecido como Reforma Gregoriana. No século seguinte foi promulgado pelo IV Concílio de Latrão que cada pessoa deveria se confessar pelo menos uma vez por ano.

É bom destacar que na narrativa *Visão de Túdalo* são punidos não somente os leigos, mas também religiosos que não exerciam bem a sua função e cometiam pecados, o que mostra o intuito da narrativa de moralizar a instituição eclesiástica, bem como o comportamento da população em geral.

Num segundo momento o cavaleiro sobe. Nesta hora atinge um espaço intermediário, uma espécie de limbo ou antecâmara do Paraíso, onde as pessoas estão livres das torturas infernais a maior parte do tempo. Primeiro encontra os “não muito bons” que devido as suas ações estão num bom lugar mais ainda sofrem padecimentos como o vento, a fome e a sede. A seguir, num segundo estágio dessa antecâmara, está a fonte de água viva e belos objetos como o ouro e pedras preciosas. Um rei é servido por aqueles a quem deu esmolas. Porém, durante três horas a cada dia, tudo ficava escuro e ele queimava da cintura para baixo, em virtude dos seus pecados (VT, 1895, p. 114).

Por fim, Tungulu e o anjo chegam ao Paraíso propriamente dito. O primeiro local deste espaço é marcado pela presença dos casados que não cometeram adultério. O local se caracteriza por localizar os eleitos num muro de prata (VT, 1895, p. 114-115).

O muro no medievo significa proteção (cidades muradas). Este elemento também caracteriza a descrição do Paraíso no *Apocalipse de São João*: “Aquele que falava comigo tinha como medida uma cana de ouro para medir a cidade, seus portões e sua **muralha**. A cidade é quadrangular: seu comprimento é igual à largura” (Ap 21, 15). Em volta dela havia pedras preciosas (Ap 21, 18-20). Na época medieval, o muro representa proteção e organização do espaço e é um elemento constitutivo das cidades, que erguiam muralhas com finalidade principalmente militar.

Tungulo avança com o anjo para cima e atinge o Muro de Ouro. Um elemento da harmonia deste local é o fato de instrumentos musicais tocarem sozinhos e as pessoas cantarem sem moverem as suas bocas (VT, 1895, p. 117). Este é o lugar dos religiosos que sofreram pela fé cristã (VT, 1895, p. 116). Neste local havia coroas sobre a cabeça dos eleitos e a presença da Igreja Católica, representada por uma árvore na qual habitavam vários dos salvos (VT, 1895, p. 117-118). Por fim, o último estágio do Paraíso é o Muro das Pedras

Preciosas, local de santos, como o irlandês São Patrício e outros santos de origem irlandesa, além das nove ordens de anjos e de pessoas virgens e puras (VT, 1895, p. 118-119).

A narrativa cumpre o seu objetivo, pois ao retornar da viagem T. se transforma e se torna um modelo de cristão ideal. No manuscrito latino, o cavaleiro na primeira cena da narrativa se encontrava num jantar e não consegue pegar a comida, o que mostra a sua vinculação aos pecados da carne e a necessidade metafórica de que abandonasse os prazeres corporais em busca da salvação (VT, 2011). No seu retorno, em contraponto, a primeira coisa que ocorre é que ele pede o “corpo de Cristo”, isto é, a hóstia.

Neste segundo momento, já regenerado, o cavaleiro quer alimentar o seu espírito. A seguir, desfaz-se de seus bens corporais, coloca a Cruz em suas vestes e entrega seus bens à Igreja e aos pobres. Passa também a pregar, tarefa completamente diversa de sua atitude no início da narrativa, quando é criticado por “seus pecados e suas maldades”, devido ao fato de praticar vícios mortais como a luxúria, a avareza, o roubo, entre outros.

Túndalo é um exemplo de mudança comportamental que serviria para influenciar outras pessoas que lessem/escutassem a narrativa sobre a sua viagem ao Além-túmulo. Outro aspecto a ser questionado é se este relato, voltado aos leigos, tinha somente o propósito de obter um comportamento adequado da população em geral, impingindo a eles o “cristianismo do medo” (LE GOFF, 2002, p. 30), sendo uma construção ideológica dos membros da Igreja no intuito de controle social.

É possível responder a esse questionamento dizendo que não, na medida em que a *Visão de Túndalo* vai além desse propósito, pois busca uma conduta moral adequada não somente para os leigos, mas também para os clérigos. Um dos pecados punidos na versão de Marcus é o dos luxuriosos, que sofrem no interior da besta pássaro, um dos piores tormentos da narrativa, conforme já mencionado. Para eles a narrativa latina reserva um capítulo intitulado “Dos Castigos dos Religiosos que cometeram a fornicção”.

Considerações Finais

A *Visão de Tungulu* é mais um dos instrumentos utilizados pela Igreja Católica no intuito de levar os seres humanos à salvação. Além da *Bíblia*, das missas, de sermões, entre outras medidas, os monges compuseram relatos com o objetivo de mostrar os elementos do Além-túmulo e as ações a serem feitas pelos cristãos para que atingissem um bom lugar após a morte.

Dentre os relatos produzidos no medievo, essa narrativa teve grande “fôlego”, circulando na sociedade europeia por um longo período, entre os séculos XII e XVI. Sua tradução em Portugal no final da Idade Média está relacionada a uma determinada conjuntura: é o período da Peste, no qual muitos se preocupavam com o falecimento súbito e o pós-morte, temendo em grande parte o Inferno e a vinda da personagem da morte que vinha buscar os vivos e envolvê-los na sua “dança macabra”. Ao mesmo tempo em que a peste é vista como um castigo divino, algumas respostas dadas pela sociedade nesse momento histórico foram a busca de novas riquezas e novas terras através da Expansão Marítima. Este empreendimento foi iniciado no governo de D. João I, descrito por seu cronista Fernão Lopes no século XV, como o Messias de Lisboa, governante escolhido por Deus para “salvar” os portugueses do domínio castelhano e trazer a eles um novo período de felicidade antes do Juízo Final, chamado pelo cronista de “Sétima Idade”¹².

A tradução da *visio* por monges do mosteiro de Alcobaça, como vimos, era voltada não somente para a salvação dos religiosos, mas também do público leigo que teria acesso ao relato através das pregações, voltadas a mostrar um comportamento correto a ser adotado pelos fiéis. Ainda no século XV, o cavaleiro pecador que após a sua viagem imaginária se transformou num bom cristão, era um modelo pedagógico ideal a ser divulgado e difundido na sociedade medieval.

¹² Outros filósofos como Beda e Santo Agostinho viam a Sexta Idade como um período de decadência antes do Juízo Final. Lopes inova e coloca D. João como inaugurando um novo tempo, onde elementos de categoria inferior seriam nobilitados. Sobre a Sétima Idade, ver Rebelo, 1983.

REFERÊNCIAS

FONTES

A Visão de Túndalo ou o Cavaleiro Túngulo. Edição de J. J. Nunes. **Revista Lusitana**, n. 8, 1903-1905, p. 239-262 (código 266).

PONTFARCY, Yolande de. **L'au Delà au Moyen Age. Les Visions du Chevalier Tondal de David Aubert et sa Source la Visio Tundali, de Marcus.** Édition, Traduction et Commentaires. Berne: Peter Lang, 2010.

Visão de Túndalo (VT, 1895). Ed. F. M. Esteves Pereira. **Revista Lusitana**, 3, 1895, p. 97-120 (Código 244).

Visão de Túndalo. Ed. de Patrícia Villaverde. **Revista Lusitana**, n. s., 4, 1982-1983, p. 38-52 (Código 266).

Vision de Tindal In: Voyage de Raimon Perellos au Purgatoire de Saint Patrice: La Vision de Tondale. Textes languedociens du XV siècle. Paris: E. Privat, 1903, p. 57-119.

The Vision of Tnugdalus. Electronic edition in latin compiled by Beatrix Farber, com base no ms Munchen, Bayerische Staatsbibliothek, codices latini, 22254, f. 1175-1385 (século XII). Disponível em: <http://www.ucc.ie/celt/published/L207009.html> acesso em 27/10/2011.

ESTUDOS

BASCHET, Jérôme. **Les Justices de l'Au-Delà. Les Représentations de l'Enfer en France et Italie (XII et Xve siècle).** Rome : École Française de Rome, 1981.

BLOCH, Marc. **Apologia da História.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales.** A Revolução Francesa da Historiografia. São Paulo: UNESP, 2001.

CAROZZI, Claude. **Le Voyage de l'Âme dans l'Au-Delà d'Après la Littérature Latine (V-XIIIème Siècle).** Paris: École Française de Rome, 1994.

DELUMEAU, Jean. **O que Sobrou do Paraíso?** São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

DINZELBACHER, Peter. The Latin *Visio Tnugdali* and its French Translations. In: KREN, Thomas (Ed.). **Margaret of York, Simon Marmion and the Visions of Tondal.** Malibu, California: The Paul Getty Museum, 1992, p.111-118.

DUBY, Georges. **Ano 1000 Ano 2000: na pista dos nossos medos.** São Paulo: Ed. UNESP, 1999.

HUIZINGA, Johan. **O Outono da Idade Média.** São Paulo: Cosac Naify, 2011.

LE GOFF, Jacques. **O Homem Medieval.** Lisboa: Editorial Presença, 1989.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** São Paulo: Ed. Unicamp, 1989a.

LE GOFF, Jacques. Aspectos Eruditos e Populares das Viagens ao Além na Idade Média. In: ID: **O Imaginário Medieval.** Lisboa: Editorial Estampa, 1994, p. 127-142.

LE GOFF, Jacques. Além. In: **Dicionário Temático do Ocidente Medieval.** São Paulo: EDUSC/Imprensa Oficial do Estado, 2002, v. I, p. 21-33.

LE GOFF, Jacques. **O Imaginário Medieval.** Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

LE GOFF, Jacques. **O Nascimento do Purgatório.** Lisboa: Editorial. Estampa, 1993.

PALMER, Nigel. **Visio Tnugdali. The German and Dutch Translations and their Circulation in the Later Middle Ages.** Munich und Zurich: Artemis Verlag, 1982.

PONTFARCY, Yolande de. **L'au Delà au Moyen Age. Les Visions du Chevalier Tondal de David Aubert et sa Source la Visio Tundali, de Marcus.** « Introduction ». Berne: Peter Lang, 2010, p. XI-XLVII, e também notas na tradução do texto.

REBELO, Luis de Sousa. **A Concepção de Poder em Fernão Lopes.** Lisboa: Livros Horizonte, 1983.

SCHMITT, Jean-Claude. **O Corpo das Imagens.** São Paulo: EDUSC, 2007.

SCHMITT, Jean-Claude. **Os Vivos e os Mortos na Sociedade Medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

VENTURA, Margarida Garcez. **O Messias de Lisboa – Um Estudo de Mitologia Política (1383-1415)**. Lisboa: Cosmos, 1992.

Visão de Túndalo. In: *Scrinium*. <http://www.scrinium.pt/pt-016> acesso em 14/01/2014.

WIECK, Roger. *The Visions of Tondal and the Visionary Tradition in the Middle Ages*. In: KREN, Thomas e WIECK, Roger (Eds.). **The Visions of Tondal from the Library of Margaret de York**. Malibu, Los Angeles: Paul Getty Museum, 1992, p. 3-7.

ZIERER, Adriana. **Da Ilha dos Bem-Aventurados à Busca do Santo Graal: uma outra viagem pela Idade Média**. São Luís, Ed. UEMA/Apoio FAPEMA, 2013.

ZIERER, A. M. S. A Visão de Túndalo no Contexto das Viagens Imaginárias ao Além Túmulo: religiosidade, imaginário e educação no medievo. In: **Notandum**. São Paulo, n. 32, mai-agosto 2013b, p. 101-124.

<http://www.hottopos.com/notand32/07adriana.pdf> acesso em 20/01/2014

ZUMTHOR, Paul. **A Letra e a Voz. A “Literatura” Medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.